



TEOLOGIA E CIDADANIA

Teresina – PI

DADOS INSTITUCIONAIS

CNPJ:	17.145.404/0001-76
Razão Social:	CENTRO EDUCACIONAL MALTA LTDA
Nome de Fantasia:	FACULDADE MALTA
Esfera Administrativa:	PRIVADA
Endereço:	Av. Barão de Gurguéia, no 3333b, Bairro Vermelha
Cidade/UF/CEP:	TERESINA-PI, CEP: 64018-500.
Telefone:	(86) 3303-5002
E-mail de contato:	contato@faculdademalta.edu.br
Site da unidade:	faculdademalta.edu.br

SUMÁRIO

UNIDADE 1: O HOMEM CRIADO POR DEUS E O ENGAJAMENTO SOCIAL 7

Objetivos:	7
O SIGNIFICADO DE SER UM CIDADÃO CRIADO POR DEUS	7
O homem como criatura divina.....	8
O homem como imagem de Deus	8
O homem como ser terrestre, frágil e mortal	9
CIDADANIA E BENEFICÊNCIA SOCIAL NAS ESCRITURAS	10
O sentido da cidadania no Antigo Testamento	10
As novas perspectivas cidadãs no Novo Testamento	12
PLANEJAMENTO CIDADÃO, SEUS CONCEITOS E SIGNIFICADOS	14
Dimensões de um planejamento eclesial.....	14
Planejamento participativo	15
O olhar de Cristo sobre a necessidade de planejar	15
Objetivos, metas e estratégias para execução de um plano cidadão eficaz	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
HORA DE REVISAR	18
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	19

Sobre a Autor:

Luiz Carlos Lisboa Gondim

FORMAÇÃO ACADÊMICA

- Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (1982); em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (2002) e em Teologia - Seminário Latino Americano de Teologia (2014);
- Especialização em Psicanálise pela Faculdade Dynamus de Campinas – FADYC (2025);
- Especialização em Docência universitária pela UNASP (2007);
- Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea pela UCSAL (2010).
- Professor no curso de Teologia, atuando principalmente nas áreas de Teologia da Família, Filosofia, Educação Cristã, Teologia e cidadania e Antropologia Bíblica.
- Autor de 11 livros e diversos artigos.

APRESENTAÇÃO

Caro (a) estudante

Este EBOOK destina-se aos alunos do curso de Teologia da Faculdade Malta-FACMA. Torna-se essencial para a formação profissional do Teólogo. Através da disciplina TEOLOGIA E CIDADANIA, o estudante deverá compreender a interface entre fé e engajamento social e sua influência no desenvolvimento da cidadania.

A disciplina estuda a responsabilidade pastoral da igreja para com as classes sociais excluídas ou desprovidas de recursos necessários para uma sobrevivência digna, bem como a responsabilidade exigida para que todo indivíduo tenha acesso a uma cidadania digna e integral. Busca diretrizes através da Bíblia, da Teologia e das Ciências Sociais, tendo por objetivo uma práxis social, a partir dos ensinamentos bíblicos. Examina também, a responsabilidade social com o meio ambiente.

Unidade 1: O HOMEM CRIADO POR DEUS, E O ENGAJAMENTO SOCIAL

Tem como propósito estudar o planejamento cidadão, seus conceitos, significados, e os correspondentes objetivos, metas e estratégias, que podem viabilizar ações de cidadania no *ethos* da igreja cristã. As Escrituras sagradas serão também exploradas no sentido de podermos observar mais atentamente quem é o homem, na perspectiva divina e as ações de beneficência social, que se pode observar em diversos contextos bíblicos. Nesse sentido poderemos ampliar nossa visão do que seja servir a Deus e também aos homens.

Unidade 2: OS DESAFIOS PRÁTICOS DA IGREJA CIDADÃ

Nesse ponto de nossa trilha acadêmica, vamos refletir, criticamente, sobre o silêncio das Igrejas cristãs protestantes em relação aos imperativos divinos quanto à alteridade, tanto para vida espiritual quanto para vida concreta dos indivíduos, especialmente daqueles que vivem à margem da sociedade.

UNIDADE 1: O HOMEM CRIADO POR DEUS E O ENGAJAMENTO SOCIAL

Objetivos:

1. Compreender o significado de ser um cidadão criado por Deus;
2. Examinar os registros de beneficência social e cidadania nas Escrituras;
3. Conhecer o planejamento cidadão, seus conceitos e significados.

Esta unidade aborda a necessidade de se conhecer o significado de ser um cidadão criado por Deus; apresenta, além disso, a importância da ação solidária inspirada pela fé cristã, e a necessidade de se planejar ações sociais, não apenas pela crescente conscientização ou por força dos imperativos bíblicos, mas também pela consciência que todo ministro e suas ovelhas devem ter no sentido de juntos, organizarem e efetivarem ações solidárias no entorno de sua área de ação e em outros lugares.

O crescimento da conscientização das pessoas nesta direção, é cada vez maior, e isso pode motivar a viabilização de um maior envolvimento dos mais diversos grupos sociais para incrementação de um maior número de ações solidárias.

Cidadania também é interpretada como a condição de uma pessoa como membro de um Estado-Nação. Em outras palavras, seria a definição do local onde o cidadão exerce os seus direitos e deveres. Mas para ter cidadania celestial, a pessoa deve ter nascido no Reino de Deus e viver como cidadãos que agem em função dos valores estabelecidos nos lugares altos. “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; Como também nos elegeu nEle antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante Dele em amor.” (Efésios 1:3,4).

Estudos realizados concluem que os seres humanos imbuídos de consciência cidadã são mais preparadas para lidar com as diferenças e tendem a desenvolver maior empatia pelo outro.

O SIGNIFICADO DE SER UM CIDADÃO CRIADO POR DEUS

O homem é imagem de Deus e Deus é o modelo normativo do homem, o que é dito de Deus, é dito do homem - a misericórdia, a bondade e a justiça de Deus devem sê-lo também do homem

Apesar de a Bíblia não ser uma antropologia sistemática, mesmo que estruturada sobre os pilares de criação, pecado e graça, as questões e inquietações

do homem, como cidadão, são, ali refletidas. O seu carácter não sistemático é notório no fato de haver diferentes olhares sobre a cidadania, conforme os escritos de que se fale ou que se analise.

O homem como criatura divina

A criação foi o começo da salvação, o seu prólogo, o fundamento de todos os benefícios que Deus outorgou à humanidade, de todos os imperativos e de todas as promessas. Portanto, o relato em gênesis centra-se no homem. A intenção é explicitar a diferença entre a situação paradisíaca e a miséria da condição histórica do homem, depois do pecado.

O homem é um ser modelado por Deus com o barro da terra e animado pelo sopro divino para uma relação singular com Ele, e para sua beneficência sobre o mundo. O laço entre homem e mulher é estabelecido por Deus com vista à integração recíproca e à procriação.

Entretanto, na origem de todas as desventuras humanas coloca-se o pecado, entendido como rebelião contra Deus – pretensão de substituir Deus e autonomizar-se em relação a Ele. Isso significou para o homem, caminhar para a ruína. De qualquer modo, o mal não tem a última palavra reservada à promessa de uma futura salvação. Enquanto isso, o homem como cidadão edênico, deve cuidar de si, dos outros e de tudo que estiver em seu entorno.

A comunhão com o Deus criador é o constitutivo fundamental do homem. Nela se fundamenta o projeto cidadão de Deus para ele. Nesse sentido, a imagem de Deus é realizada na comunhão inter-humana; o modelo trinitário torna-se a base comunitária da vida divina e funda-se a igualdade entre homem e mulher. A relação com o mundo é inspirada na proteção e na cooperação. A liberdade e a responsabilidade uns com os outros tomam ênfase na colaboração com Deus.

O homem como imagem de Deus

O relato de Gn 1-11, procura indicar o sentido teológico da realidade, projetada em acontecimentos iniciais, indicados como causa das situações presentes. Adão no Éden é o homem tal como Deus o projetou no seu desígnio originário: a verdade do homem e sua essência ideal. A sua vida caracteriza-se pela tripla harmonia: com Deus pela adoração e o diálogo de amizade; com o companheiro humano na plena solidariedade; com o mundo, pela ausência de agressividade e pelo esforço na preservação da terra. Assim, o Adão do Éden é o homem com a sua identidade

perfeita, sem lutas, divisões, alienações, com a sua nudez inocente e isenta de ameaças.

Mas, Adão tornou-se também, o homem caído, o homem histórico, o que nos leva a compreender que o homem vive uma desarmonia interior que, originada na condição de pecado do homem, urge a resposta de salvação escatológica e de luta solidária no retorno dos ideais divinos de cidadania centrada em Cristo.

O homem como ser terrestre, frágil e mortal

O termo *basar*, traduzido para o grego por *sárx* (corpo, carne) indica, habitualmente, o homem sob o aspecto da debilidade e da caducidade. (Sl 72; Is 40:7).

No NT, o texto mais significativo é Jo 1:14: - “O Verbo fez-se carne”; ou seja - Cristo tornou-se terreno, frágil, mortal e habitou entre nós. Assim, Jesus se identifica com a nossa finitude num processo encarnacional.

Em Paulo, o termo *sárx* indica, também, a finitude estrutural do homem (Gl 2:20; Fp 1:22-24). Assim, o corpo é constitutivo ontológico do homem, enquanto a carne é uma força que penetra de fora no homem e se instala nele como uma força contrária à sua autêntica natureza. O corpo pode ser carnal ou espiritual, instrumento do espírito ou do egoísmo e do pecado.

As categorias *finitude* e *contigência* do homem expressam, além da ideia de caducidade e mortalidade, também a ideia de relação com os demais e com o mundo; relação que, quando não confrontada com os ideais das Sagradas Escrituras, expressa justamente a precariedade e o risco da condição humana. Enquanto corpo, criado por Deus, o homem deve ser, estruturalmente, um ser humano solidário com os outros.

Assim, *basar* é a manifestação concreta da pessoa na sua condição de fragilidade, de debilidade e por isso, de necessidade de uma salvação que vem de Deus e que é espírito, ou seja, força; mas também de relação com os outros, uma relação que, para ser autêntica, deve regular-se em referência a Deus.

O que qualifica, em última instância, a vida humana na sua interioridade e nas suas relações mundanas, é o sopro divino (*ruah*) - força vital, pensamentos, sentimentos e paixões (Gn 41:8; 45,27; 1Sm 1:15; 1Rs 21:5 etc.) - que constitui o selo da imagem de Deus no homem.

Além disso, o termo (*ruah*) indica o homem inteiro na sua dependência de Deus, numa relação que é princípio da vida religiosa e moral. Em virtude do *ruah*, o homem

é totalmente dependente de Deus, até ao ponto de só a relação com Ele poderá constituir o fundamento da vida humana.

Assim, o homem deve ser visto como centro individual de consciência, como um ser aberto para cima, em constante relação com Deus, e, horizontalmente, como um ser em relação com seus semelhantes e com as demais criações divinas. Desse modo, a dimensão fundamental, na qual se alicerça a cidadania do homem, é a espiritual. Isso importa a tal ponto que, o vínculo com o mundo e com os outros pode supor uma ameaça para a vida do homem, quando este não obedece ao Espírito do Senhor. O homem alienado, tende, então, para a mundanização, para a perdição, para voltar ao pó.

CIDADANIA E BENEFICÊNCIA SOCIAL NAS ESCRITURAS

Entre os hebreus, havia uma feroz identificação com sua própria cidadania, o que tem resistido a passagem do tempo, com todas as suas vicissitudes, guerras, exílios e caos. No olhar deles, o que se ganha com esforço, não se larga com facilidade.

O sentido da cidadania no Antigo Testamento

Entre os israelitas havia a suposição geral de que *Yahweh* estava executando a sua vontade através da nação hebraica, e nesse ponto, nada era mais importante do que a vontade divina.

Um complexo código legal, considerado divinamente transmitido, dava estabilidade e propósito ao povo de Israel. Essas leis eram bastante generosas, inclusive no caso de estrangeiros, que viviam entre eles, exigindo para eles plena proteção. (Ex 12:19; Lv 24:22). Havia provisões especiais para os órfãos, os pobres, as viúvas, etc. Entre eles a cidadania nunca foi considerada uma questão meramente terrena. Ali acreditava-se que o homem é criatura de Deus, dotada de um destino em Deus e na consagração pessoal. No *ethos* dos cidadãos israelenses, a vida religiosa e civil se confundiam e o principal propósito era ser participante do plano de Deus para aquela nação privilegiada. (CHAMPLIN, 2001).

Por isso, a literatura sapiencial procura ensinar a arte de viver além de buscar dar uma resposta para os grandes problemas existenciais: o sentido da vida e da morte; o porquê da dor inocente; como alcançar a felicidade e a atuação de Deus na experiência humana.

Nos provérbios, considera-se que o homem deve seguir os caminhos que conduzem à sua realização. Basta descobri-los e segui-los escutando os sábios mestres da vida, que convidam a comportamentos inspirados em ideais éticos e religiosos que não podem senão conduzir à felicidade terrestre e divina. Deus retribui aqui e depois com moeda oposta ao que faz o bem ou ao que faz o mal.

Por outro lado, no AT, a questão da condição humana boa ou má, é, estranhamente atribuída a Deus.

A pobreza ou a riqueza no Antigo Testamento, por exemplo, são simplesmente atribuídas à vontade soberana de Deus, como se tais condições fizessem parte do destino necessário do ser humano (I Sm 17). Na verdade, é provável que nisso haja algum fundo de verdade, mas tal conceito não deve ser enfatizado em detrimento da indústria e do desejo de progredir materialmente. A opressão contra os pobres é condenada na lei e nos profetas (Sl 72:14; Isa 3:15; Am 2:6). O AT enfatiza também, que as contribuições caridosas aos pobres, haverão de receber sua recompensa, da parte do céu (Sl 41:1; Pv 14:21). Essa questão sempre foi muito enfatizada no judaísmo, e daí transferida para o cristianismo primitivo. Não obstante, os pobres sempre foram objeto de piedade, de compaixão e não, de admiração. A legislação mosaica incluía um bom número de provisões em favor dos pobres; várias provisões para os destituídos (Ex 23:11; Lv 14:22-23; 19:10). O favoritismo era proibido com bases econômicas (Lv 19:15); uma peça de vestuário tomada como penhor tinha de ser devolvida ao por-do-sol (Ex 22:26); os salários tinham de ser pagos diariamente aos trabalhadores (Lv 19:13); os implementos essenciais à vida diária, não podiam ser arrebatados dos trabalhadores (Dt 24:6, 12); a provisão básica dos alimentos devia ser garantida (Dt 24:19-22); a igualdade espiritual entre ricos e pobres era considerada a condição ideal (Pv 22:2). (CHAMPLIN, 2001, p. 5036, 5037).

As leis civis, entre os hebreus visavam revelar a vontade de Deus em relação ao que Ele requeria, para que as suas criaturas fossem *cidadão em santidade*. Diversos regulamentos específicos ilustravam essa realidade a cerca desse tipo de cidadania: Sobre pais e filhos (Ex 21:15, 17); sobre marido e mulher (Dt 24:5); direito das viúvas (Dt 25:5-10); estrangeiros em Israel (Ex 22:21); propriedades e possessões (Lv 25:23); sobre dívidas e impostos (Dt 15:1-11); ofensas contra os homens. (Lv 20:9).

As novas perspectivas cidadãs no Novo Testamento

O NT contempla a intervenção salvífica de Deus na vida inspiradora de Jesus Cristo que desvela, ao mesmo tempo, o projecto de Deus sobre cada homem. As bem-aventuranças apresentam o ideal de um homem que encontra só em Deus a sua segurança e o seu fim último – ideal não só enunciado, mas realizado concretamente por Jesus.

Tal ideal antropológico, aqui expresso, encontra em Jesus, na *Kénosis* do Filho de Deus, o seu fundamento principal - um ideal antitético em relação aos ideais satânicos do egoísmo, do domínio e do pecado. João e Paulo mostram, em Jesus, a realização perfeita e exemplar do ideal divino de cidadania.

Paulo vê Jesus como o artífice da nova criação, como o novo Adão que dá começo a uma humanidade nova, encaminhada para a transformação social e escatológica. Ele mesmo - apóstolo dos gentios - se revela como homem espiritual, dominado pelo Espírito de Cristo, que é força de amor, doação e comunhão, em contraposição ao homem carnal, encerrado no seu egoísmo.

Em tempos de Nova Aliança, a cidadania romana dependia, primariamente, de alguém nascer em algum lugar que fazia parte do império romano, cujos habitantes tinham esse direito. Contudo, quando Paulo exortou aos crentes de Filipos, que vivessem de uma maneira digna do evangelhos (Fp 1:27), aqueles crentes, que tinham direito a cidadania romana, sem dúvida, compreenderam bem a metáfora usada por Ele. O trecho de Colossenses 1:13, não usa a palavra *cidadania*, mas fala sobre o crente como pertencente ao reino do Filho de Deus, o que subentende a uma *cidadania* não apenas no mundo terreno, mas, especialmente, no mundo transcendental.

O amor de Deus em Jesus confirma isso. Cristo valorizou e dignificou inúmeras pessoas, especialmente aqueles que, em virtude de preconceitos e de sua condição

desfavorável, eram marginalizadas e afastadas do convívio social e religioso. O derramamento do Espírito Santo, foi o sinal de que Deus incluiu, mais forte e profundamente, a participação inspirada de todas as pessoas no processo de construção de um mundo melhor e de uma igreja mais fraterna. Nesse sentido a cidadania, ancorada em valores divinos, pode ser vista como uma opção pela participação na construção de novos espaços justos de vida, caracterizados pela formação espiritual, por uma nova mentalidade, por uma consciência crítica e pela abertura para rompimentos com velhas ordens e valores, estabelecidos em contradição com os imperativos divinos.

Essa nova mentalidade inclui observarmos, mais atentamente, a infinidade de irmãos nossos e de outros carentes da comunidade que padecem necessidades materiais e espirituais. O imperativo inaugurado por Cristo, em um contexto arraigado no individualismo, deveria também nos levar a nos amar uns aos outros.

O apóstolo Paulo nos exorta dizendo que

“a ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. Com efeito: não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, não cobiçarás, e, se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor.” (Rm 13:8-10).

Paulo se orgulhava pelas igrejas da Macedônia, porque mesmo pobres, viviam felizes pela oportunidade de fazer o bem para seus irmãos ainda mais necessitados e perseguidos da Judeia. Isto é notório no texto bíblico (II Co 8:2): “Como, em muita prova de tribulação, houve abundância do seu gozo, e como a sua profunda pobreza abundou em riqueza da sua generosidade.”

A generosidade é realmente um dom de Deus. É essencial entender que tudo o que temos vem do Senhor, foi Deus quem nos confiou para sermos seus mordomos; nada é nosso. Nunca nos esqueçamos que tudo o que temos, tudo o que somos e tudo o venhamos a ter e ser, vêm do Senhor nosso Deus.

Nenhum de nós pode negar o fato de que os cristãos devem amor mútuo uns aos outros, pois estamos ligados em amor, por aquele que não pode errar.

Na Bíblia, em geral, a questão da cidadania é de suma importância. O mosaico apresentado no Antigo Testamento pode ser interpretado como a história de um povo que busca e luta, teimosamente, por cidadania, por direitos e espaços para uma vida digna, fraterna e justa. O Novo Testamento, protagonizado por Cristo, aprofunda ainda mais a continuidade daqueles ideais, sobretudo, no que se refere a sua ampliação para o âmbito de todos os povos. (WEGNER, 2008).

PLANEJAMENTO CIDADÃO, SEUS CONCEITOS E SIGNIFICADOS

O planejamento cidadão se constitui em um processo dimensionado, desenvolvido para o alcance de uma situação desejada de modo mais eficiente, eficaz e efetivo, com a melhor concentração de esforços e recursos exercidos pela igreja (OLIVEIRA, 1999).

Salomão bem sabia disso quando afirmou: “Os planos mediante os conselhos têm bom êxito; faze a guerra com prudência.” (Pv 20:18); “Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom êxito.” (Pv 15:22).

Planejamento é, também, um processo contínuo que funciona de um modo não linear em decorrência de haver variabilidade nas igrejas e diversidade de modos de pastorear. Tal variabilidade ocorre devido as pressões ambientais que a igreja tem de suportar e que são resultantes de forças externas continuamente em alteração com diferentes níveis de intensidade de influência, bem como de pressões internas, resultantes dos vários fatores integrantes da igreja e da comunidade (VALADARES, 2006).

Um planejamento cidadão não é um exercício de futurologia, nem a simples projeção de dados do passado, mas, sim, um processo contínuo de aprendizado que busca reduzir as incertezas do futuro com a maior margem de segurança possível para igreja, especialmente, na formação de uma consciência cidadã entre os seus adoradores.

Dimensões de um planejamento eclesial

Temática: O crescimento da igreja, o serviço à comunidade, dentre outras, pode ser a temática abordada no planejamento eclesial.

Elementos do planejamento: Objetivos geral; objetivos específicos; estratégias; política; orçamento e normas

Tempo de execução do plano: Longo; médio; curto prazo

Características: Complexidade ou simplicidade; qualidade ou quantidade; confidencial ou público; econômico ou caro.

O processo de planejar envolve um modo de pensar. Um salutar modo de pensar envolve indagações, questionamentos: o que fazer; como, quando, quanto, para quem, por que; por quem e onde.

Planejamento participativo

No Antigo Testamento, quando Moisés trabalhava, sozinho, como louco, em benefício do seu povo, quase sucumbiu, até que foi aconselhado por Jetro a fazer planos contando com uma sábia distribuição de responsabilidades. "Sê tu pelo povo diante de Deus," aconselhou Jetro, "e leva tu as coisas a Deus; e declara-lhes os estatutos e as leis, e faze-lhes saber o caminho em que devem andar, e a obra que devem fazer." (Êx. 18:19-22). (VALADARES, 2006).

Jetro orientou que fossem escolhidos homens como "maiorais de mil, maiorais de cem, maiorais de cinquenta, e maiorais de dez". Os escolhidos deviam ser "homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza". (Êx. 8:19-22), estabelecidos "para que julguem o povo em todo o tempo", aliviando assim Moisés da exaustiva responsabilidade de resolver tudo sozinho.

A igreja deve agir de modo participativo, envolvendo todos os crentes na tomada de decisões e na realização dos seus ideais. A igreja deve ser um espaço onde todos sejam ouvidos, valorizados e capacitados a contribuir, ativamente, para o bem estar interno e para o bem estar da comunidade em seu entorno.

O olhar de Cristo sobre a necessidade de planejar

A ideia de Jesus planejando suas ações pode ser refletida sob diferentes perspectivas. Embora não encontremos no Novo Testamento detalhes explícitos de um planejamento estratégico como entendemos hoje, seu contexto revela que Jesus tinha propósitos definidos e agia de forma intencional, na perspectiva de um plano maior, sem deixar de ensinar a importância dos seus discípulos planejarem suas ações benéficas, especialmente, por serem mentores de futuros convertidos.

Em um desses ensinamentos Ele questionou: "... Qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir

e não pôde acabar. Ou qual é o rei que, indo para combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil? (Lc 14:28-32).

Por fim, planejar é tão importante que, segundo o portal Sebrae, por falta de planejamento 48% das instituições fecham ou vivem em falência, após os três primeiros anos de existência.

Objetivos, metas e estratégias para execução de um plano cidadão eficaz

Toda ação cidadã realizada por qualquer instituição deve se ancorar em objetivos claros. Os objetivos são extremamente necessários, pois indicam os alvos ou situações que a igreja deseja atingir. Eles determinam para onde a igreja deve dirigir seus esforços em prol da cidadania, assim como levam os irmãos ao maior envolvimento. É preciso admitir que Igrejas sem objetivos são como uma locomotiva sem trilhos, não chegam a lugar nenhum.

De igual importância são as metas, ou seja, a quantificação para evolução de um objetivo. Cada objetivo deve ter uma ou mais metas. Se temos o objetivo de atender focos de moradores de rua, é preciso definir quantos focos vamos atender e quantas pessoas precisam ser beneficiadas por nossas ações solidárias.

Tais objetivos e metas devem ter características específicas:

Devem ser claros - é fundamental que estejam muito bem definidos e claros para toda igreja; Realistas - bem fundamentados nos pontos fortes e fracos da igreja, pois objetivos irreais não motivam as pessoas; Coerentes - possuir coerência uns em relação aos outros. Quando não são coerentes, são conflitantes; Desafiantes - que despertem mais motivação e senso de missão da igreja. Que mova a igreja da zona de conforto; Convergentes - devem manter uma linha de convergência em função do objetivo geral ou da razão maior de sermos cristãos.

Por outro lado, as estratégias são as ações que a igreja vai realizar para conseguir seus objetivos. Representam o caminho escolhido pela igreja para perseguir e atingir, seus objetivos e suas metas socio-espirituais. Para viabilizá-las é preciso injetar gente, tempo e recursos financeiros. Caso não haja um bom resultado será necessário alterar essa tríade. Todo o esforço poderá ser comprometido caso se planeje estratégias ruins.

Para que isso seja evitado devemos estabelecer certos imperativos que poderão garantir o sucesso das estratégias:

Utilizar, fortalecer e ampliar os pontos fortes da igreja; neutralizar os pontos fracos da igreja; perceber e adaptar-se aos valores da igreja e da comunidade; aproveitar oportunidades identificadas; observar os pontos fracos da mistura de igrejas concorrentes; colocar a estratégia em ação no momento mais adequado; possuir outra estratégia alternativa (plano B).

Nesse ponto de nossa abordagem, vale a pena lembrar o pensamento de Harvey Specter: “Ajuste sua estratégia com base na observação das reações emocionais das pessoas.” Finalmente, vale a pena, também lembrar de Deus como excelente estrategista. (Js 6:1-10; Jz 7:15-20; II Sm 5:22-25; I Cr 14:13-17).

SAIBA MAIS

Artigo:

O lugar da cidadania: Estado moderno, pluralismo religioso e representação política. (https://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_gruman).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos nesta unidade a necessidade de se conhecer o significado de ser um cidadão criado por Deus e o quanto é importante a ação solidária, assim como o planejamento dela. Entendemos que todo ministro deve fomentar entre suas ovelhas ações benéficas, específicas, que dão sentido a sua existência, como embaixadores de Cristo, membros da igreja militante e filhos do Deus vivo.

Entendemos que ter cidadania plena, significa ter nascido no Reino de Deus para viver como cidadãos que agem em função dos valores estabelecidos nos lugares altos e que entendem que seres humanos, imbuídos de consciência cidadã, são mais preparados para lidar com as diferenças e com as condições deploráveis onde vivem a maiorias das pessoas neste planeta.

HORA DE REVISAR

Entre os hebreus, havia uma feroz identificação com sua própria cidadania, o que tem resistido a passagem do tempo, com todas as suas vicissitudes, guerras, exílios e caos. No olhar deles, o que se ganha com esforço, não se larga com facilidade.

Cidadania para os hebreus representou muita luta. Para eles o homem é imagem de Deus e Deus é o modelo normativo do homem, o que é dito de Deus, é dito do homem: a misericórdia, a bondade e a justiça de Deus devem sê-lo também do homem.

As ações solidárias da igreja devem ser planejadas com esmero, pois, como vimos, o planejamento se constitui em um processo dimensionado e desenvolvido para o alcance de uma situação desejada de modo mais eficiente, eficaz e efetivo, com a melhor concentração de esforços e recursos pela igreja.

Salomão bem sabia disso quando afirmou: “Os planos mediante os conselhos têm bom êxito; faze a guerra com prudência.” (Pv 20:18); “Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom êxito.” (Pv 15:22).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHAMPLIN. R. N. O Antigo Testamento Interpretado. V.6, Cidade Dutra. Hagnos, 2001.

OLIVEIRA. D. P. R. Planejamento estratégico: conceitos, metodologias e práticas. São Paulo: Atlas, 1999.

VALADARES, M. Planejamento como fator de sucesso. Rio de Janeiro: Qualytimark, 2006.

WEGNER, U. Aspectos da cidadania no movimento de Jesus e nas primeiras comunidades apostólicas; 6 de fevereiro de 2008. Obtido da internet em 15.07.2025: <https://ejesus.com.br/aspectos-da-cidadania-no-movimento-de-jesus-e-nas-primeiras-comunidades-apostolicas/>

UNIDADE II – OS DESAFIOS PRÁTICOS DA IGREJA CIDADÃ

Objetivos:

1. Aprofundar o entendimento sobre servir à Deus no mundo;
2. Investigar o silêncio das Igrejas cristãs protestantes em relação às questões dos negros;
3. Compreender o desafio do voluntariado no *ethos* da igreja contemporânea;

Esta unidade trata de reanimar o ensino bíblico sobre ética pessoal e social, capaz de nos orientar quanto à vida do cristão no serviço a Deus e ao mundo; pretende também verificar o quanto as igrejas protestantes cristãs, popularmente denominadas de igrejas evangélicas, desde a sua introdução na sociedade brasileira, têm se mostrado insensíveis, omissas e silenciosas no que se refere às questões das relações étnico-raciais no país, isto é, no que diz respeito ao lugar marginal em que a população negra se encontra na sociedade brasileira desde o período escravista.

Além disso, uma recente pesquisa sobre voluntariado no Brasil revelou que apenas 3 em cada 10 brasileiros já realizaram alguma ação voluntária na vida. Entre os que jamais doaram parte do tempo ou energia em benefício de alguma obra ou projeto, o principal motivo alegado para isso foi *falta de tempo* (40%), *nunca foram convidados* (29%), *nunca pensaram nessa possibilidade* (18%) e *não sabem onde obter informações a respeito* (12%).

SERVIR À DEUS NO MUNDO

Escobar (2025), conta em seu artigo - Servir a Deus no mundo, que no final de uma emocionante mensagem sobre o arrebatamento, um certo missionário exclamou: “No céu não haverá pontes. Para que então perder tempo estudando engenharia? Deixe tudo e venha à nossa escola bíblica. Prepare-se para salvar almas, pois isso é o que importa”. Vários adolescentes presentes ali, continua Escobar, foram à frente, em resposta ao apelo. Alguns, efetivamente, abandonaram os estudos e foram à escola bíblica daquele missionário.

Os “extremos” apocalípticos

Lamentavelmente, esse tipo de “ministério” começa a proliferar na América Latina, fazendo-se necessário recuperar o conceito bíblico e evangélico do que seja servir a Deus no mundo de hoje, com os dons, estudos e oportunidades.

Hoje, estamos percebendo uma certa *atmosfera apocalíptica* onde ouvimos discursos, inclusive de muitos pastores, desestimulando toda a atividade na vida concreta e incentivando uma certa vida em claustro mantendo-se somente na companhia de pessoas espirituais e buscando ansiosamente uma “perfeita” união com Deus, em resposta as evidências de que o fim está próximo.

Atualmente, não é somente o cristão “fervoroso” que fala do “fim do mundo”, de um beco sem saída, de um iminente final caótico para toda a raça humana. Esse tipo de linguagem apocalíptica está na boca de muitos líderes evangélicos. Afinal, a qualquer momento pode haver algum estrategista ou general descontrolado, da Rússia ou dos Estados Unidos, que poderá colocar em funcionamento um horrível maquinário de destruição total.

Todavia, o cristão que leva a sério a Palavra de Deus caracteriza-se por manter uma atitude vigilante e sóbria, quanto ao fim da história desse mundo. É fato que, tanto o ensinamento de Jesus quanto o dos apóstolos, e a forma como eles interpretaram o Antigo Testamento, assinalam um fim do mundo vinculado à manifestação final, contundente, do triunfo de Jesus Cristo sobre a morte, sobre o pecado e sobre as forças do mal. É fato também, que os ensinamentos de Jesus, como as parábolas sobre o juízo final, assim como seus discursos, chamados escatológicos, coincidem com a firme advertência: “Vigiai”. Mas, ao mesmo tempo Ele exorta-nos, repetidas vezes, contra a tentação de especular sobre tempos e datas. cremos que é importante lembrar esses dois elementos do ensino do Senhor. Tem-se especulado muito sobre os detalhes, esquecendo-se a clara intenção que a maioria das passagens reflete e o que se nota, de imediato, ao se comparar os mesmos textos. No ensino apostólico, ambas as expressões – vigiar e não especular – permanecem distintivas, agregando-se a elas uma dimensão de consequência éticas, onde se relaciona a verdade do Senhor com a atitude prática correspondente à vida diária, enquanto ele não vem. (TRENCHARD, 1976).

Esse é o tipo de cidadania que Cristo espera encontrar em seus verdadeiros adoradores, na sua volta gloriosa, quando pronunciará aquela tão esperada bênção: “E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então dirá o Rei aos que

estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes me ver. (Mt 25:33-36).

O verdadeiro caráter cristão

O mundo apocalíptico atual, necessita de cristãos de fato, crentes que experimentem o fruto da ação do Espírito Santo em seus corações remidos. Eis aqui uma espiritualidade imbuída de toda a riqueza da mensagem bíblica, e não de fragmentos recortados com as tesouras da indiferença com o próximo. Não há base bíblica, nem teológica, para contrapor as tarefas cotidianas chamadas “seculares” com a obediência ao chamado de Deus. Não há base para fazer crer que, quem não é missionário ou pregador de tempo integral seja cidadão de segunda categoria no Reino de Deus. Deus continua chamando homens e mulheres para se dedicarem integralmente à pregação, à obra pastoral ou ao estabelecimento de igrejas. Não devemos esquecer que, também, no barco do mundo, que se enche de cinismo, de temor e de desespero, há falta de passageiros com as virtudes de Paulo. Em todos os campos da sociedade, em todas as áreas do saber e da situação humana, faltam testemunhas do Deus vivo, homens e mulheres de integridade, de iniciativa e de esperança, dispostos a atuar nos ambientes concretos reduzindo a dor, o preconceito e as mazelas do mundo presente. (ESCOBAR, 2025).

O mundo contemporâneo precisa de homens realistas. Vivemos uma crise humanitária global, por falta disso. Os discípulos de Cristo, inclusive, sabiam que quando a graça de Deus envolve um homem, pode transformá-lo e leva-lo a fazer maravilhas por si e pelos outros. Essa certeza foi vivenciada no Pentecostes, em um verdadeiro avivamento, que inaugurou uma nova dimensão espiritual e social, única, a qual os *modernos espiritualistas* tem esquecido com facilidade.

O SILÊNCIO DAS IGREJAS CRISTÃS PROTESTANTES EM RELAÇÃO ÀS QUESTÕES DOS NEGROS

As igrejas protestantes cristãs, popularmente denominadas de igrejas evangélicas, desde a sua introdução na sociedade brasileira, têm se mostrado insensíveis, omissas e silenciosas no que se refere às questões das relações étnico-raciais no país, isto é, no que diz respeito ao lugar marginal em que a população negra

se encontra na sociedade brasileira desde o período escravista. (ARAÚJO E JANTOS, 2017).

Segundo argumenta Alcântara (2011, p. 87), estas igrejas, “tanto históricas quanto pentecostais, contribuíram para que a situação de discriminação e marginalização dos negros no Brasil fosse por tanto tempo perpetuadas”.

A prática do preconceito e discriminação do negro e de tudo que faça parte de sua cultura, tem sua origem no protestantismo norte americano, situado no Sul dos Estados Unidos, onde era comum a prática da segregação, a qual desde a sua colonização, serviu como mão de obra escravizada nas lavouras, pratica que se tornou comum também no Brasil colonial.

A configuração das primeiras igrejas

As primeiras igrejas protestantes tinham uma configuração muito mais mestiça e branca do que, de fato, negra.

Além disso, na contemporaneidade, existe um contexto de demonização da cultura negra, entre os evangélicos que tem se distanciado da possibilidade de discutir importantes demandas para população negra, tais como - racismo, preconceito, discriminação e ações afirmativas, entre outras.

Falar sobre segregação racial, racismo e preconceito nas igrejas sempre foi um tabu. Aparentemente, mexer nessas questões é como tocar alguns ferimentos mal cicatrizados, e em certas mazelas que insistem em incomodar a igreja brasileira. Por isso, ainda hoje, as igrejas cultivam o mito da igualdade racial (PEREIRA, 2010, p. 108).

A verdade inquestionável, é que há muito por fazer, especialmente, na igreja cristã ocidental onde a grande maioria dos cargos de liderança e de maior influência está sob o domínio dos irmãos de cor branca.

O silêncio nas igrejas contemporâneas

A Igreja Metodista, no olhar de diversos estudiosos, tem sido a única igreja evangélica, no Brasil, que tem se interessado e introduzido à temática negra no seu interior; a única que possui um ministério de ação afirmativa, com um trabalho voltado para o público negro em seus mais diversos aspectos.

O fato é que ainda podemos perceber que as igrejas cristãs, por meio do seu discurso racista, que demoniza tudo que se refere à cultura e vivências religiosas de matriz africana, contribuem expressivamente para a manutenção do racismo, bem

como para o aumento do preconceito e discriminação racial, religiosa, sexual, etc. O que não deveria ocorrer, pois, afinal os espaços de fé se constituem em espaços de construção de saberes e não de desconstrução, uma vez que, como temos observado, muitas igrejas ainda mantêm um forte discurso preconceituoso e segregacionista no que diz respeito às diferenças raciais. (ARAÚJO E JANTOS, 2017).

Quando falamos de preconceito, vale a pena lembrar o exemplo de coragem de uma menina que viveu em um outro contexto de discriminação, que abalou o mundo ocidental. Quando o Talibã tomou o controle do Vale do Swat, Malala Yousafzai levantou a sua voz. Ela recusou-se a permanecer em silêncio e lutou pelo direito a educação. Mas em 9 de outubro de 2012 ela quase pagou por isso, com a sua vida. Malala foi atingida na cabeça por um tiro à queima-roupa, dentro do ônibus, enquanto voltava da escola. Poucos acreditaram que ela sobreviveria.

A sua coragem e recuperação milagrosa a levou em uma viagem extraordinária de um vale remoto do Norte do Paquistão para os salões das Nações Unidas em Nova York. Aos dezesseis anos, ela se tornou um símbolo global de protesto pacífico e em 2014, tornou-se a mais jovem vencedora da história do prêmio Nobel da paz. Mas, voltando ao racismo contra os negros,

é preciso preconizar que cada grupo respeite sua imagem, sua memória, que a cultive, e alimente-se dela, respeitando ao mesmo momento a imagem do outro. Ora, uma tal solução nos parece possível quando o espaço do jogo é nitidamente delimitado. Como cultivar seu jardim quando esse não é separado dos jardins dos outros?... A mestiçagem, que é uma das realidades do Brasil, existe apenas do ponto de vista biológico, ou poderia ser encarada também do ponto de vista étnico-cultural? (MUNAGA, 1994, p. 183)

Por tanto, ser negro, é sofrer preconceitos independente da religião que se segue. Isso nos leva a deduzir que, como crentes em Jesus, precisamos amar, respeitar e agregar os nossos irmãos negros de fé ou não.

O DESAFIO DO VOLUNTARIADO NO *ETHOS* DA IGREJA CONTEMPORÂNEA

A mais recente pesquisa sobre voluntariado no Brasil, realizada por Bregantin (2025), revelou que apenas 3 em cada 10 brasileiros já realizaram alguma ação voluntária na vida. O estudo revelou também que, entre os que jamais doaram parte do tempo ou energia em benefício de alguma obra ou projeto, os principais motivos alegados para isso foram - falta de tempo (40%); nunca foram convidado (29%); nunca pensaram nessa possibilidade (18%) e não sabem onde obter informações a respeito (12%).

Os benefícios do Voluntariado

As sociedades contemporâneas, em sua maioria, revelam a urgência de se atender suas grandes necessidades, expressas em pobreza, doenças, abandono, problemas emocionais, financeiros e espirituais. Essa realidade deveria nos inspirar a mudar a forma como vemos a vida. Mover-se na direção dos desfavorecidos, com certeza, nos faria compreender melhor o sentido da cidadania tanto para nós como para os outros. Envolver-se no voluntariado produz uma sensação incrível de bem estar, essencial para um melhor sentido na vida. Além disso, inúmeros estudos, dentre eles um feito nos Estados Unidos e publicado no periódico científico *Psychology and Aging*, apontam para diversos benefícios obtidos pelos que se envolvem no voluntariado, tais como: redução das sensações de estresse e angústia; alívio das tensões do dia a dia; superação da ociosidade negativa, valorização do tempo de qualidade, e até o aumento da longevidade.

Na verdade, o voluntariado, torna-se um elemento fundamental, que quando praticado, concede força e nobreza de caráter. É por isso que a temática do caráter é fundamental no processo de discipulado da igreja. Compreendido como padrão de comportamento característico de um dado indivíduo, e a forma pela qual a energia humana é canalizada no processo e socialização, o caráter torna-se fundamental ao desenvolvimento humano, pois os seus traços – coragem, respeito, empatia, etc, servem de base ao comportamento das pessoas. A construção do caráter é possibilitada e evidenciada pelo relacionamento que pode ocorrer de várias maneiras. O homem pode amar ou odiar, se envolver ou se alienar, mas tem de relacionar-se de alguma forma, e essa forma singular de relacionamento exprime seu caráter. (SUÀREZ, 2010).

Essas ações não apenas fortalecem a igreja local, mas também refletem os princípios cristãos de serviço e amor ao próximo.

O ato de voluntariar-se em uma igreja não representa apenas um trabalho prático, pois está profundamente enraizado na vontade dAquele que veio para nos libertar e salvar. Há inclusive outras inúmeras razões para envolver-se. Vejamos algumas delas:

- 1. Cumprimento de um chamado espiritual** - Muitas tradições cristãs enfatizam o serviço ao próximo como uma forma de demonstrar fé em ação. Passagens bíblicas, como Mateus 25:40 ("...sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes"), inspiram os fiéis a servirem com humildade e dedicação.
 - 2. Fortalecimento de laços comunitários** - O voluntariado aproxima as pessoas, criando um senso de pertencimento e unidade. Trabalhar lado a lado com outros membros da igreja fortalece amizades e estabelece uma rede de apoio mútuo.
 - 3. Crescimento pessoal e espiritual** - Servir aos outros permite que os voluntários desenvolvam habilidades práticas, como liderança e comunicação, e fortaleçam características pessoais, como paciência e empatia. Além disso, a prática do voluntariado ajuda a aprofundar a relação com Deus, à medida que o indivíduo busca viver de acordo com os ensinamentos de Cristo.
 - 4. Impacto positivo na sociedade** - Igrejas que se engajam no voluntariado tornam-se faróis de esperança em suas comunidades. Projetos sociais liderados por igrejas muitas vezes oferecem suporte essencial em áreas como saúde, educação e segurança alimentar, beneficiando diretamente aqueles que mais precisam.
- (BLOG IGREJA TÉCNICA, 2025)

Na pesquisa, citada anteriormente, realizada por Bregantin (2025), a maioria das pessoas disse que não tem tempo para fazer ação voluntária e uma outra parte disse que não foi convidada por ninguém para fazer ação social. Esse estudioso, acrescenta, ainda, que tudo se resume em uma questão de iniciativa. Em tempos de dores e tristezas, é imperativo que os voluntários apareçam, acreditando que muitas

soluções e alívios estão nessa postura altruísta. Tal imperativo se constitui, em essência, na verdadeira participação cidadã.

A práxis eclesial que fundamenta a alteridade cristã

O serviço voluntário origina-se e aponta para Deus, não no sentido de restringir-se a ações puramente religiosas ou espirituais, mas no sentido de colocá-lo dentro de um paradigma transcendental. Assim sendo não falamos apenas de voluntariado, mas de voluntariado cristão. Além disso, a disposição em ajudar está intimamente ligada à liberdade, de maneira que o serviço a Deus e ao próximo, torne-se na mais autêntica liberdade. É pelo serviço a Deus e aos outros, no contexto de uma vida de utilidade, que o crente é elevado, acima da escravidão de *uma vida meramente artificial*. Pode parecer estranho, mas o ser humano encontra liberdade no desempenho dos deveres considerados mais pesados e penosos. (SUÁREZ, 2010).

Desse modo, o voluntariado está atrelado a um coração generoso, entusiasta, desafiador e emotivo; e significa uma ação simples, uma forma corajosa e abrangente de estar no mundo trabalhando para outros e com outros. Através desta disposição, inspirada em Cristo, a igreja e seus membros dão respostas adequadas às necessidades complexas e aos problemas de interesses mútuos, na expectativa de prover melhor sentido à vida dos que tanto sofrem neste mundo caído.

A beneficência social só tem sentido na forma de um voluntariado. É assim que o ministro deve inspirar suas ovelhas. Deve ele levar seus discípulos a alcançar novos corações, salvando, através de uma amorável amizade, os que vivem no entorno da igreja. Trata-se aqui de um tipo de ministério com o qual muitos cristãos, nominais, não estão intimamente familiarizados, embora essa seja uma obra cidadã, ordenada por Deus e Seu filho como um meio eficaz de revelar Cristo á muitos que conhecem ou não conhecem a Sua existência num sentido mais profundo. Isso é cidadania vinculada a redenção de homens e mulheres.

Nesse sentido, é preciso saber que, a efetivação da redenção humana requer a disposição das pessoas, ou seja, de certa maneira, a humanidade não pode ser redimida sem a sua própria participação. Assim sendo, o serviço e a cooperação, não são mera consequência, mas condição da redenção humana. Tal redenção se manifesta quando amamos uns aos outros. Isto é, a redenção se torna presente na medida em que nos colocamos ao serviço do próximo. A cooperação humana, o

voluntariado, não vem antes nem depois um do outro, vem ao mesmo tempo. Não há um sem o outro. (SUÀREZ, 2010).

SAIBA MAIS

Vídeo:

Teologia e Cidadania

<https://www.youtube.com/watch?v=R34O50st33c>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta unidade conseguimos entender o *servir à Deus no mundo*; *questionamos* o silêncio das Igrejas cristãs protestantes em relação às questões dos negros; e *refletimos sobre* o desafio do voluntariado entre as igrejas que se apresentam como cristãs.

Compreendemos que é necessário que a igreja cristã, vivencie um incremento de valores que lhes ajude a internalizar o ensino bíblico sobre ética pessoal, social e cidadania. Verificamos também o quanto as igrejas evangélicas, necessitam sensibilizar-se muito mais em relação as questões étnico-raciais no país, especialmente no que diz respeito ao lugar marginal em que a população negra se encontra na sociedade brasileira desde o período escravista.

HORA DE REVISAR

A missão da Igreja cidadã, espiritual está descrita, também nas palavras de Pedro: “Sabei dar, aos que vos pedirem, as razões da esperança que está em vós.”

Entretanto, muita gente, no meio cristão, tem supervalorizado as questões espirituais em detrimento da empatia que deveriam sentir, como cristãos, em favor das tantas pessoas que vivem à margem da sociedade tendo de suportar, além de seus sofrimentos cotidianos, a indiferença de tantas pessoas que se dizem cristãs.

Nosso texto é um alerta contra a cultura da indiferença, onde procuramos relembrar o primeiro passo que Deus sempre dá rumo a nós, no sentido de satisfazer nossas carências. Isso deveria nos inspirar e a prestar mais atenção às necessidades do outro, sobretudo dos mais pobres e necessitados. sem nunca virarmos as costas para eles.

Muitos entre nós tem se demonstrado insensível e omissos no que se refere às questões das relações étnico-raciais em um país, em que a população negra se encontra em um tipo de vivência marcada pelo preconceito e pela indiferença.

A prática do preconceito e discriminação do negro e de tudo que faça parte de sua cultura tem se perpetuado no meio evangélico, onde muitos tem se afastado dos ideais divinos de cidadania, que custaram tanto a Jesus implantar no bojo das exigências de se viver um cristianismo autêntico. Não foi só a morte que ele dedicou a nós, mas também a vida em constante compadecimento pelos que sofriam: “E Ele, ao desembarcar, viu uma grande multidão; e, compadecendo-se dela, curou os seus enfermos” (Mt 14:14); “Vendo Ele as multidões, compadeceu se delas, porque andava desgarradas e errantes, como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9:36).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALCÂNTARA, Cláudia Sales. Implementando as políticas de ações afirmativas no Espaço Evangélico: o início de um diálogo. *Identidade*, v. 16, n. 1, p. 72-93, jan./jun, 2011.

ARAUJO, J. A; SANTOS. D. L. J. O silêncio das Igrejas Cristãs protestantes brasileiras em relação às questões dos Negros no país. *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, ISSN-e 1807-1384, Vol. 14, Nº. 3, 2017 (Exemplar dedicado a: setembro - dezembro 2017; iv-xi), págs. 50-68. Obtido da internet em 16.07.2025: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=4329504>.

BREGANTIN, P. O desafio do Voluntariado. Artigo obtido da internet em 17.07.2025: <https://www.horoscopovirtual.com.br/artigos/o-desafio-do-voluntariado-no-brasil>

ESCOBAR, S. Servir a Deus no mundo. *Revista Mãos Dadas*. Viçosa, MG: Obtido da internet em 15.07.2025: <https://livrozilla.com/doc/1490475/servir-a-deus-no-mundo>

BLOG IGREJA TÉCNICA. O Impacto do Voluntariado nas Igrejas: Um Chamado ao Serviço e à Comunidade. Obtido da internet em 21.07.2025: <https://www.igrejatech.com/post/o-impacto-do-voluntariado-nas-igrejas-um-chamado-ao-servi%C3%A7o-e-%C3%A0-comunidade>

MUNANGA. K. Identidade, Cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SOINK, M. J. P. (org). *A cidadania em construção: Uma relação transdisciplinar*.

PEREIRA, Cristina Kelly da Silva. Religião e negritude: discursos e práticas no Protestantismo e nos Movimentos Pentecostais. *Revista Eletrônica Correlatio*, n. 18, p. 95-113, dezembro. 2010.

TRENCHARD, E. *Estudios de Doutrina Bíblica*, Madrid, Literatura bíblica, 1976.